

REVISÃO SISTEMÁTICA: AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL EM TEMPOS DE COVID-19

SYSTEMATIC REVIEW: SELF-MEDICATION IN BRAZIL IN COVID-19 TIMES

LARISSA APARECIDA DOS SANTOS MARTINS OLIVEIRA¹, VANESSA MEDEIROS CUSTÓDIO², JULIANA SOUZA DIONÍSIO DOS SANTOS³, RODRIGO LUÍS TAMINATO⁴ E FERNANDO YANO ABRÃO⁵

RESUMO:

Embora a automedicação seja uma prática comum pode acarretar vários transtornos à saúde, como por exemplo, mascarar doenças, provocar interações medicamentosas, resistência bacteriana e intoxicação. Durante a pandemia da COVID-19 muitas notícias foram propagadas estimulando o uso de medicamentos para a prevenção e tratamento do SARS-CoV-2, como a cloroquina, hidroxicloroquina, nitazoxanida, ivermectina, etc. Todavia, não há comprovação científica sobre a eficácia dos mesmos para essa finalidade. O objetivo do presente estudo foi revisar de modo sistemático a literatura existente sobre automedicação e relacioná-la à pandemia da COVID-19. Foi realizada pesquisa bibliográfica sistemática e um total de 62 artigos científicos foram sumarizados e discutidos. A automedicação em decorrência do pânico, más informações e da cultura que os brasileiros têm de se autodiagnosticarem colaboraram para o aumento dessas práticas. Divulgações equivocadas nas redes sociais sobre tratamentos farmacológicos favoreceram o desabastecimento de farmácias e drogarias, prejudicando até mesmo atendimentos hospitalares. Medicamentos divulgados como profiláticos e curativos do novo coronavírus se mostraram ineficazes em pesquisas clínicas *in vivo* aplicadas em sua maioria em pacientes hospitalizados com COVID-19, exceto o remdesivir e a dexametasona que contribuíram de forma significativa nos tratamentos de casos moderados a graves. Profissionais farmacêuticos se mostraram importantes para a conscientização da população sobre os efeitos adversos dos fármacos, combate a fake news e produção de vacinas. Também foi possível observar a falta de recursos que as universidades brasileiras têm para gerar ciência, fazendo-se necessário apoio financeiro para possibilitar pesquisas de novos fármacos e fabricação de vacinas.

Palavras-chave: Automedicação. Fatores de riscos. Pandemia da COVID-19. Farmacêuticos.

ABSTRACT:

Although self-medication is a common practice, it can lead to several health problems, such as masking diseases, causing drug interactions, bacterial resistance and intoxication. During the COVID-19 pandemic many news articles were spread encouraging the use of drugs for the prevention and treatment of SARS-CoV-2, such as chloroquine, hydroxychloroquine, nitazoxanide, ivermectin, etc. However, there is no scientific proof of their efficacy for this purpose. The objective of the present study was to systematically review the existing literature on self-medication and relate it to the COVID-19 pandemic. A systematic literature search was performed and a total of 62 scientific articles were summarized and discussed. Self-medication as a result of panic, bad information, and the culture that Brazilians have of self-diagnosing have collaborated to the increase of these practices. Misinformation in the social networks about pharmacological treatments favored the shortage of pharmacies and drugstores, harming even hospital care. Drugs advertised as prophylactic and curative for the new coronavirus proved to be ineffective in vivo clinical trials applied mostly in hospitalized patients with COVID-19, except for

¹ Acadêmica de Farmácia / Faculdade Unida de Campinas: larissaaparecida79@gmail.com

² Acadêmica de Farmácia / Faculdade Unida de Campinas: vanessamedeiros379@gmail.com

³ Acadêmica de Farmácia / Faculdade Unida de Campinas: juudionisio@gmail.com

⁴ Farmacêutico, Me. em Farmacologia, Anestesiologia e Terapêutica: rodrigo.taminato@facunicamps.edu.br

⁵ Farmacêutico, Me. em Biologia da Relação Parasito-Hospedeiro: fernando.abrao@facunicamps.edu.br

remdesivir and dexamethasone, which contributed significantly in the treatment of moderate to severe cases. Pharmaceutical professionals were important in raising public awareness about the adverse effects of drugs, fighting fake news, and producing vaccines. It was also possible to observe the lack of resources that Brazilian universities have to generate science, making financial support necessary to enable research into new drugs and vaccine manufacturing.

Keywords: *Self-medication. Risk factors. COVID-19 Pandemic. Pharmacists.*

1. INTRODUÇÃO

Existem vários tipos de coronavírus que podem infectar humanos e animais. Os coronavírus são vírus com o material genético de RNA fita simples polaridade positiva, pertencente à família Coronaviridae, ordem Nidovirales. Entre os subtipos de coronavírus que podem infectar humanos os alfa-coronavírus causam infecções assintomáticas ou levemente sintomáticas, enquanto os beta-coronavírus são sintomáticos e podem causar doenças graves, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2) (VELEVAN; MEYER, 2020; ZHOU *et al.*, 2020).

O SARS-CoV-2 foi descoberto em dezembro de 2019, quando cidadãos de Wuhan começaram a apresentar sintomas de uma nova enfermidade, tendo como principal complicação a falta de ar e a rápida disseminação da doença. Iniciando-se como epidemia localizada no centro de Wuhan (China), logo se tornou uma pandemia (LAI *et al.*, 2020).

Todos os países estão lutando contra o SARS-CoV-2 desde 30 de janeiro de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) o decretou como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e como pandemia no dia 11 de março de 2020 (WHO, 2020a; WHO, 2020b; LAI *et al.*, 2020; ZU *et al.*, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde (2020), a COVID-19 é transmitida de pessoa a pessoa por partículas, quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou fala. Os sintomas manifestados são semelhantes a um resfriado, ou, a uma síndrome gripal, no entanto, idosos e doentes crônicos são mais susceptíveis a contrair os estágios mais graves da COVID-19, como por exemplo, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

Os recursos dos serviços de saúde que já eram precários antes do início da pandemia tornaram-se cada vez mais limitados, priorizando o atendimento para doenças mais complexas e casos de moderados a graves da COVID-19. Em consequência, milhões de pessoas passaram a buscar informações online sobre saúde, assim, minimizavam as chances de contrair a COVID-19 em ambiente hospitalar (ONCHONGA, 2020). Pesquisa realizada pelo *Google Trends*

demonstrou um aumento repentino e significativo na busca de informações sobre automedicação desde o surgimento do SARS-CoV-2 (TRENDS, 2020).

A automedicação é definida como: a ingestão de medicamentos para a cura de problemas autodiagnosticados (WHO, 2000); o uso de medicamentos sem a prescrição, orientação e/ou acompanhamento dos profissionais de saúde (ANVISA, 2001). Embora a automedicação seja uma forma comum de autocuidado ela se configura como um grande problema de saúde pública a nível mundial (AIRAGNES *et al.*, 2016; RAHMAWATI; BAJOREK, 2017; WHO, 2000).

A literatura tem mostrado que a automedicação não se limita a aquisição de medicamentos não prescritos (PONS; KNAUTH; VIGO, 2017), essa prática estende-se pelo uso de sobras de medicamentos prescritos, compartilhamento de medicamentos com membros familiares e do círculo social, reutilização de receitas antigas e alteração da dosagem dos medicamentos prescritos (BECKHAUSER *et al.*, 2010). Fatores como econômicos, políticos e culturais aliados à demora no atendimento e à baixa qualidade dos serviços de saúde no Brasil contribuem diretamente para a automedicação (ARRAIS *et al.*, 2016; PEREIRA, 2008).

A prática da automedicação é comum entre os brasileiros (CFF, 2019a). Adultos na faixa etária de 18 a 44 anos possuem um maior costume de automedicar-se, todavia há uma parcela expressiva de idosos que também praticam a automedicação (MOREIRA *et al.*, 2020).

Dentre os sintomas autorreferidos para a prática da automedicação está a presença de dores em gerais, como por exemplo, cefaleia, dores nas costas, dores musculares, dores nas articulações e abdominais, seguido de gripes e resfriados, sintomas relacionados à febre, tosse e inflamações (GAMA; SECOLI, 2020). Os motivos que facilitam essa prática variam desde possuir o medicamento em casa, ter utilizado o medicamento para outras indicações clínicas anteriores, facilidade de compra, etc (MOREIRA *et al.*, 2020; GAMA; SECOLI, 2020; ARRAIS, 2016).

A disseminação massiva de informações durante a pandemia da COVID-19, o isolamento social e a falta de acesso aos profissionais de saúde contribuíram para o aumento da automedicação no ano de 2020 (TAPIA *et al.*, 2020; SANTOS; ROCHA; JÚNIOR, 2020; AQUINO, 2020). Levantamento de dados realizados pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em abril de 2020 demonstrou como o medo da COVID-19 impactou o setor farmacêutico, extrapolando as vendas de medicamentos (CFF, 2020b).

Apesar da vasta literatura sobre automedicação, há poucos estudos relacionando à automedicação com a pandemia do SARS-CoV-2. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi sumarizar e discutir a literatura existente sobre automedicação e relacioná-la à pandemia da

COVID-19, analisando: os riscos associados à automedicação no tratamento/prevenção da COVID-19; se houve aumento nas vendas dos medicamentos no ano de 2020; demonstrar os efeitos adversos dos medicamentos mais vendidos durante a pandemia quando consumidos de forma irracional e mostrar a importância do farmacêutico para promover o uso racional, consciente e seguro dos medicamentos.

2. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática que tem por objetivo analisar a automedicação durante a pandemia da COVID-19 mostrando os riscos do uso irracional dos medicamentos. Para o desenvolvimento desta revisão foram percorridas as seguintes etapas: 1) definição do tema e formulação da questão norteadora; 2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; 3) definição dos descritores; 4) pré-seleção dos artigos; 5) avaliação dos estudos (interpretação dos resultados) e 6) apresentação da revisão.

As perguntas norteadoras da investigação utilizadas foram: “Quais os medicamentos indicados para o combate/prevenção da COVID-19?”; “Durante a pandemia do SARS-CoV-2 houve aumento da automedicação?”; “Quais os riscos do uso irracional desses medicamentos?”; “Qual o papel dos profissionais farmacêuticos durante a pandemia?”.

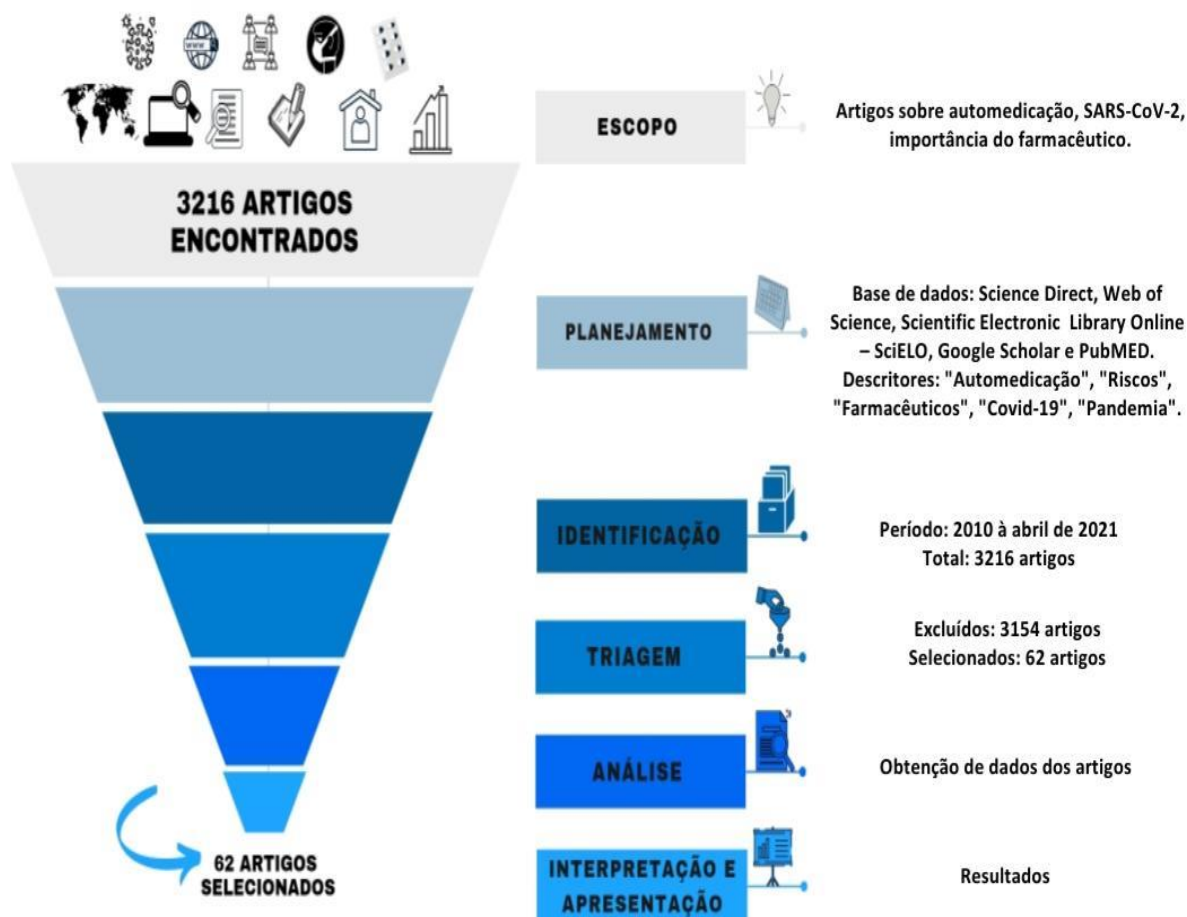
A realização das buscas ocorreu entre fevereiro à abril de 2021 utilizando os descritores: “Automedicação”, “Riscos”, “Farmacêutico”, “COVID-19”, “Pandemia”. Os descritores foram utilizados tanto isolados quanto em associações nas bases de dados *Science Direct*, *Web of Science*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Google Scholar* e *PubMed*, além de sites como Ministério da Saúde, Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) e Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). Foi realizado um recorte temporal de 2010 à abril de 2021.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 3216 artigos e após aplicar os métodos de inclusão e exclusão, foram selecionados 62 artigos (Fig. 1). Os artigos selecionados estavam no idioma inglês e/ou português. Excluem-se os artigos duplicados em outros idiomas que não fosse inglês/português,

os artigos anteriores a 2010 e os que não se enquadravam dentro da proposta oferecida pelo tema.

Figura 1. Fluxograma para realização da revisão sistemática.



Fonte: Elaboração própria das autoras, 2021.

A Tabela 1 demonstra a relação de alguns artigos selecionados para o estudo, com base na sua referência (autor/ano), contendo os principais resultados encontrados durante a pesquisa.

Tabela 1. Alguns materiais selecionados para discussão da pesquisa.

Nº	REFERÊNCIA	PRINCIPAIS RESULTADOS
1	(NEVES et al., 2010)	<ul style="list-style-type: none"> • As principais motivações que induzem as pessoas a se automedicarem é a insatisfação com o sistema de saúde, incluindo o atendimento, tempo de espera e filas. • É necessário melhorar o acesso aos sistemas de saúde e resgatar o atendimento humanizado. • É preciso conscientizar os cidadãos de que as farmácias e drogarias são estabelecimentos de saúde, e como tal, podem aconselhá-los, acompanhar o tratamento medicamentoso, etc.
2	(ARRAIS et. al., 2016)	<ul style="list-style-type: none"> • A automedicação é frequente no Brasil, principalmente no Nordeste. • A população feminina, sobretudo jovens, são as principais adeptas a automedicação. • Os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPS) são os mais consumidos na automedicação, principalmente a dipirona, relaxantes musculares e analgésicos.

3	(DOMINGUES et al., 2017)	<ul style="list-style-type: none"> • A automedicação é maior em adultos jovens e naqueles com dificuldades na realização de atividades cotidianas. • As classes terapêuticas mais empregadas na automedicação são os analgésicos (dipirona sódica e combinações – 78,6% – e paracetamol – 19,6%), anti-inflamatórios e antirreumáticos (diclofenaco e combinações – 60%).
4	(BARROS et al., 2019)	<ul style="list-style-type: none"> • A prática de automedicação analgésica é frequente entre os portadores de dor crônica. • Entre os pacientes com dor crônica, a automedicação ocorre em consequência da pouca prescrição de analgésicos potentes, como os opioides.
5	(SOUSA et al., 2019)	<ul style="list-style-type: none"> • A insatisfação com a prestação da assistência, a carência de programas específicos e o fácil acesso a medicamentos, são os principais fatores que facilitam a prática da automedicação.
6	(GAMA; SECOLI, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • A automedicação entre a população ribeirinha de Coari (Amazonas) é alta, cerca de 76,3%. • A busca do autocuidado pelas pessoas, aliada ao acesso restrito aos serviços de saúde contribuíram para o consumo de medicamentos por conta própria, principalmente para o uso de medicamentos alopáticos sem prescrição. • Analgésicos e antibacterianos foram as principais classes terapêuticas consumidas na prática de automedicação.
7	(BARROS et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • A pandemia despertou o sentimento de medo na população (coronofobia). • Houve um relevante crescimento nos casos de ansiedade, nervosismo, depressão e problemas de sono entre a população brasileira.
8	(HORBY et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • Em pacientes hospitalizados com coronavírus, o uso do medicamento dexametasona resultou em menor mortalidade.
9	(GALHARDI et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • As redes sociais foram utilizadas para o compartilhamento de fake news, principalmente o <i>WhatsApp</i>, <i>Instagram</i> e <i>Facebook</i>. • Entre as fakes news mais compartilhadas destacou-se os métodos terapêuticos para a cura e/ou prevenção do COVID-19, incluindo remédios caseiros e medicamentos como a hidroxicloroquina. • A disseminação de conteúdos falsos relacionados à COVID-19 contribui para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde. • É necessário aumentar o nível de informações adequadas para a sociedade brasileira.
10	(LIU et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • A hidroxicloroquina consegue inibir eficientemente a infecção por SARS-CoV-2 in vitro. Todavia, é necessário testes clínicos in vivo para verificar esse potencial. • Embora a hidroxicloroquina tenha se apresentado menos tóxica que a cloroquina, o uso prolongado pode causar envenenamento.
11	(DE MATOS, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • Foram encontradas 79 <i>fake news</i>, sendo que destas o maior grupo de notícias estava na segmentação “Terapêutica”, que totalizou 34 ocorrências. • As notícias relacionadas ao COVID-19 devem ser buscadas de forma crítica verificando se as fontes de pesquisa são verídicas e observando se são instituições e órgãos confiáveis.
12	(CERON; SANTOS; QUILES, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • As atitudes políticas impactaram no combate do COVID-19. • A saída de dois ministros da saúde, opiniões questionáveis do presidente do Brasil e o posicionamento da mídia no decorrer da pandemia contribuíram para a proliferação da COVID-19. • A infodemia, contribuiu para gerar desconfiança e desespero na população brasileira.
13	(DE PAIVA et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • Medicamentos apontados como resposta terapêutica do COVID-19 tiveram aumento nas vendas. • O preço de aquisição da maioria dos medicamentos anunciados como “promessas terapêuticas” para o tratamento do COVID-19 no Brasil sofreu aumento significativo no período da pandemia.
14	(STONE et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • O Tocilizumabe não foi eficaz para prevenir intubação ou morte por COVID-19.
15	(CAVALCANTI et al., 2020)	<ul style="list-style-type: none"> • Entre os pacientes hospitalizados com COVID-19 leve a moderado, o uso de hidroxicloroquina, sozinho ou com azitromicina, não melhorou o estado clínico em 15 dias em comparação com o tratamento padrão.
16	(PAN et al., 2021)	<ul style="list-style-type: none"> • Regimes medicamentosos com remdesivir, hidroxicloroquina, lopinavir e interferon beta-1a, tiveram pouco ou nenhum efeito nos pacientes hospitalizados com COVID-19.
17	(RML, 2021)	<ul style="list-style-type: none"> • A ivermectina é amplamente utilizada e bem tolerada para doenças tropicais negligenciadas como: oncocercose, helmintíases e escabiose. • A ivermectina não é recomendada para nenhum tratamento viral.

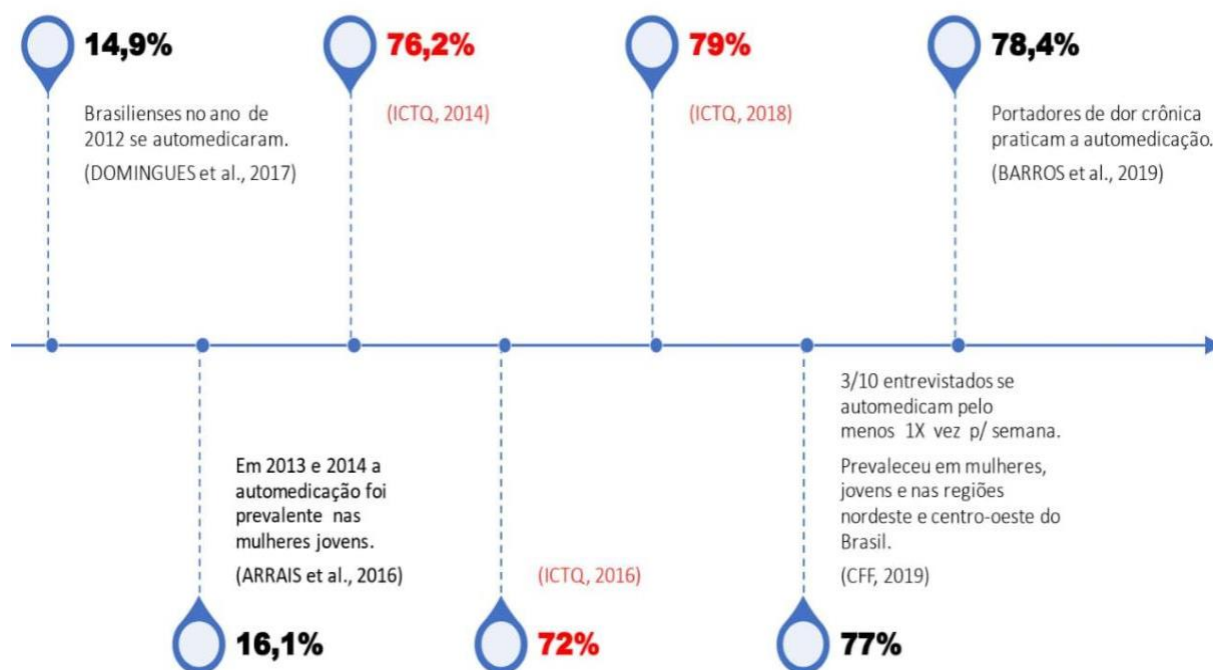
18	(GRAS et al, 2021)	<ul style="list-style-type: none"> • Para atingir as concentrações plasmáticas necessárias para a eficácia antiviral detectada in vitro exigiria a administração de doses até 100 vezes maiores do que as aprovadas para uso em humanos, não sendo viável pela toxicidade. • Das 3.114 reações adversas notificadas ao French Pharmacovigilance Database (FPVD) durante o período do estudo em 2020, 114 (3,7%) foram relacionadas à automedicação. No ano anterior a porcentagem era 1,6%. • Metade das reações adversas notificadas em 2020 eram “graves”. • As três classes mais suspeitas foram analgésicos, psicodélicos e antibacterianos de uso sistêmico. • Os efeitos colaterais mais comuns foram: distúrbios gerais, distúrbios gastrointestinais e distúrbios do sistema nervoso.
----	--------------------	--

Fonte: Elaboração própria das autoras (2021).

3.1 Prevalência da automedicação no Brasil

Segundo Domingues *et al.* (2017) os medicamentos são essenciais para a qualidade de vida da população, todavia, o uso irracional pode acarretar danos à saúde. A população brasileira tem o costume de se automedicar e, essa prática vem se perpetuando ao longo dos anos (CFF, 2019a), chamando atenção para a última década (Fig. 2).

Figura 2. Automedicação no Brasil.



Fonte: Elaboração própria das autoras, 2021.

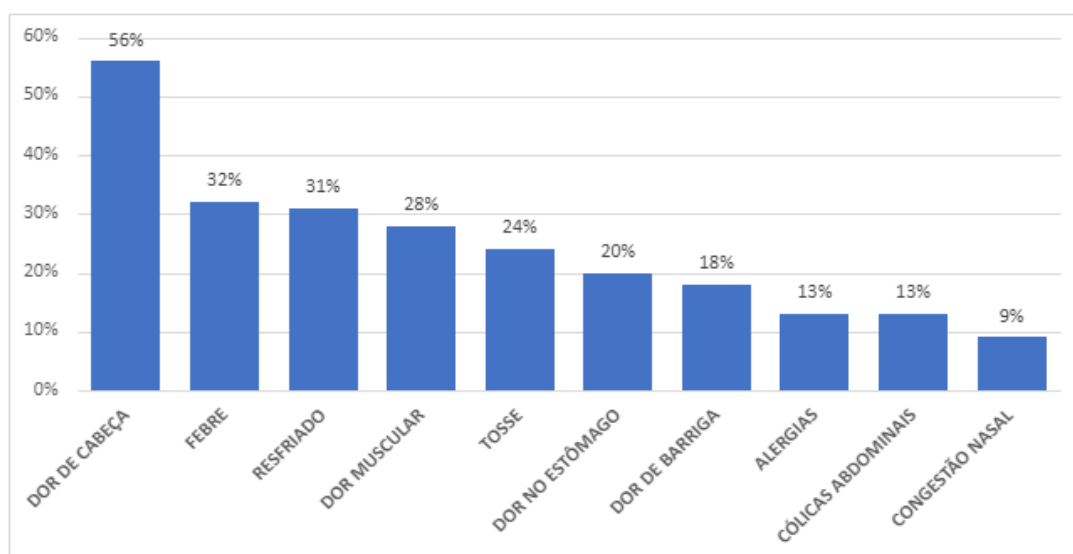
Estudo conduzido por Arrais e colaboradores entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014 sugerem que a prevalência da automedicação no Brasil fique em torno de 16,1%, sendo

que, a população feminina jovem (20 a 39 anos), das regiões nordeste e centro-oeste são as que mais consumiram medicamentos entre 2013 e 2014 (ARRAIS *et al.*, 2016). Esses dados condizem com o percentual de pessoas que se automedicaram no Distrito Federal no ano de 2012, onde Domingues e colaboradores constataram que cerca de 14,9% dos brasilienses praticava a automedicação, chamando a atenção para o fato que essa prática era mais comum entre jovens e principalmente entre mulheres (DOMINGUES *et al.*, 2017).

Assim como Arrais *et al.* (2016) e Domingues *et al.* (2017), dados do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ, 2018) apontam que aproximadamente 79% dos brasileiros se automedicam. De acordo com o levantamento de dados do CFF (2019) a automedicação é mais frequente entre o público feminino, onde aproximadamente 53% desse grupo fazem consumo de medicamentos sem prescrição pelo menos uma vez ao mês. Durante essa pesquisa foi evidenciado que jovens entre 16 a 24 anos foram os mais acometidos pela automedicação em relação as demais idades, e, quando averiguado os motivos observou-se que a facilidade de compra e/ou acesso aos medicamentos sem prescrição foram as principais causas (CFF, 2019b).

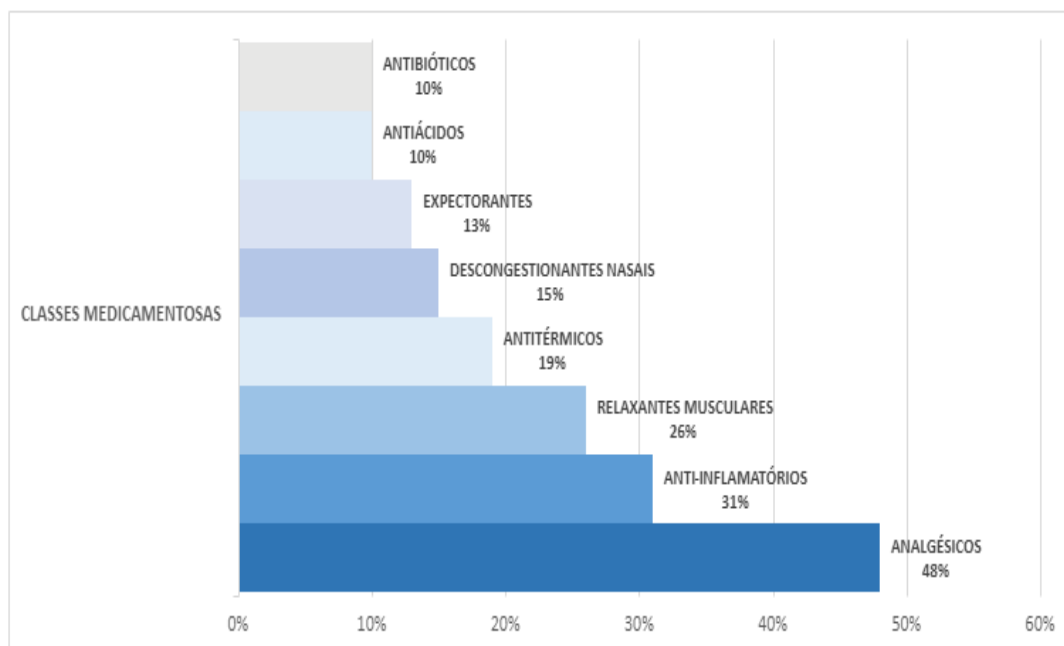
De acordo com o ICTQ (2018), entre as sintomatologias (Fig. 3), é possível observar que a dor de cabeça, a febre e os sintomas provenientes do resfriado são as principais causadoras da automedicação. Por este motivo, os principais medicamentos consumidos pelos indivíduos que se autodiagnosticam são os analgésicos, anti-inflamatórios, relaxantes musculares e antitérmicos (Fig. 4). Medicamentos estes que, em sua maioria, não necessitam de retenção de receitas, sendo facilmente adquiridos pela população.

Figura 3. Sintomas relacionados à automedicação na população brasileira.



Fonte: Adaptado de ICTQ (2018).

Figura 4. Classes medicamentosas mais utilizadas na automedicação em 2018.



Fonte: Adaptado de ICTQ (2018).

Gama e Secoli (2020), assim como Barros *et al.* (2019) realizaram estudos transversais a fim de observar a prevalência da automedicação e verificar os motivos para tal ação.

Gama e Secoli realizaram entrevistas em domicílio nas comunidades ribeirinhas da região do Médio Solimões – Amazonas, entre abril e julho de 2015. Entrevistaram 492 pessoas e a prevalência para a automedicação foi de aproximadamente 76%, cerca de 375 pessoas. Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos (57,5%) e os antibacterianos de uso sistêmico (13%), sendo mais comum, a dipirona sódica e o paracetamol, e amoxicilina e tetraciclina, respectivamente.

Barros *et al.* com o objetivo de verificar a automedicação analgésica entre os portadores de dores crônicas realizou um estudo observacional transversal com amostra populacional urbana de 416 indivíduos, sendo que destes, 190 indivíduos eram portadores de dor crônica (45,7%). A partir disso foi quantificado quantas pessoas portadoras de dor crônica praticavam a automedicação. Constatou-se que, 78,4% dos portadores de dor crônica praticavam a automedicação analgésica, e que, era realizada mediante a utilização de AINES, dipirona e paracetamol (48,4%) e relaxantes musculares (18,9%) (BARROS *et al.*, 2019).

É importante enfatizar os motivos que levaram esses indivíduos a praticarem a automedicação, primeiramente 31,5% dos indivíduos não tinham acompanhamento médico e se automedicaram para amenizar a dor, já os indivíduos que tinham acompanhamento médico,

mas mesmo assim, utilizavam medicamentos por conta própria, afirmaram que os médicos não prescreveram analgésicos para o alívio dos sintomas (24%) (BARROS *et al.*, 2019). À vista disso, a automedicação é mais prevalente quando dificulta ou impede que o indivíduo realize suas atividades cotidianas (DOMINGUES *et al.*, 2017). A automedicação ocorreu mais nas residências que possuíam medicamentos estocados, ou sobras de medicamentos (GAMA; SECOLI, 2020). Este fato comprova que, os brasileiros mesmo possuindo atendimento médico praticam a automedicação quando não é suprida as suas necessidades momentâneas, e, nos faz questionar sobre os riscos inerentes da automedicação.

Sendo assim, é perceptível que durante a quarentena a população brasileira está mais propícia a cometer a automedicação, principalmente a população mais carente, uma vez que, o atendimento médico no Sistema Único de Saúde (SUS) que já era precário antes da pandemia, tornou-se ainda mais restrito, focando mais em casos graves e limitando o acesso para doenças menores (NASIR *et al.*, 2020; SOUSA *et al.*, 2019). Outro fator que contribui para o aumento da automedicação no período atual é que as pessoas estão mais frágeis psicologicamente, devido ao adequamento social frente a essa situação emergencial, podendo abster-se de consultas médicas e tendo medicamentos estocados em casa, farão uso dos mesmos (BARROS *et al.*, 2020; MAKOWSKA *et al.*, 2020).

A prática da automedicação racional acaba beneficiando o SUS, pois poupam recursos que seriam voltados aos distúrbios menores, um deles é o tempo dos profissionais. Entretanto, a automedicação aliada à desinformação pode agravar à saúde individual, pois o indivíduo fica exposto às reações adversas, susceptível a interações dos medicamentos utilizados com os alimentos e, principalmente, as interações a outros medicamentos já de uso habitual/rotineiro (DOMINGUES *et al.*, 2017; SOUSA *et al.*, 2019; ICTQ, 2021).

3.2 “Fake News” e os perigos da automedicação

Não sendo suficiente o pavor da população frente à pandemia houve uma disseminação em massa de “fake news” sobre a COVID-19, denominado como infodemia pela OMS (GALHARDI *et al.*, 2020; SANTOS; ROCHA; JÚNIOR, 2020).

Fake news são notícias falsas, informações mal apuradas, ou, que não foram cientificamente comprovadas. São difundidas pelos meios de comunicação, disseminando um conhecimento equivocado para o público (FAPESP, 2019).

Pesquisa realizada por meio do aplicativo 'Eu fiscalizo' apurou que redes sociais e canais de informações estavam servindo para o compartilhamento de fake news. O *WhatsApp* foi apontado em primeiro lugar, sendo o canal que mais circulou fake news durante o ano de 2020 (73,79%), sendo que destes, 65% dos conteúdos estavam relacionados a métodos caseiros de prevenção do COVID-19 e 20% a métodos de cura do novo coronavírus (GALHARDI *et. al.*, 2020).

Devido à vasta liberdade dada através da internet, notícias enganosas acabaram se espalhando e sendo compartilhadas, deixando as pessoas expostas a informações que não foram cientificamente comprovadas (CERON; SANTOS; QUILES, 2021). Quando essas informações estão ligadas a terapias medicamentosas os cidadãos ficam duplamente expostos, primeiramente seu psicológico fica impactado e sua saúde física pode ser comprometida caso o indivíduo venha a utilizar os medicamentos indicados pela internet, onde muitos sites colocam em suas fontes nomes de instituições confiáveis com o intuito de dar credibilidade e segurança nas orientações passadas (GALHARDI *et. al.*, 2020). Todavia, nem sempre as informações estão corretas, e mesmo que estejam, cada pessoa possui um organismo diferente e nem sempre o que funciona para uma pessoa funcionará para outra, sendo necessário o acompanhamento e/ou aconselhamento de profissionais capacitados (PAN, 2021).

Pesquisa realizada por DE MATOS (2020), procurando verificar a frequência de notícias falsas durante a pandemia, encontrou 79 fake news. Curiosamente o assunto de maior conteúdo divulgado era sobre a "Terapêutica", isso se relaciona a esperança da sociedade em encontrar meios a partir da farmacoterapia para a prevenção e/ou tratamento da COVID-19, assim como, se justifica pelo pavor da população em procurar atendimento médico e contrair o novo vírus. Deste modo, os cidadãos se tornaram cada vez mais adeptos à automedicação e ao mesmo tempo mais vulneráveis aos seus efeitos.

A infodemia e outros fatores contribuíram diretamente para o autodiagnóstico, bem como, para a automedicação. Pesquisa realizada pelos Conselhos de Farmácia através do *The Human Data Science Company* (IQVIA) demonstrou um aumento significativo de alguns medicamentos durante o ano de 2020 em relação ao ano de 2019 (Fig. 5), dentre eles, a ivermectina (557%), a hidroxidrocloroquina sulfato (113%), o colecalciferol (81%), o paracetamol (77,35%), o ácido ascórbico (59%) e a dipirona sódica (54,56%) (CFF, 2020b; CFF, 2021b). Classes de medicamentos psiquiátricos também tiveram aumento nas vendas, como por exemplo, anticonvulsivantes incluindo antiepiléticos (12,80%), antidepressivos e estabilizantes de humor (13,84%) (CFF, 2020a). Esse último fato demonstra o impacto

psicológico que a pandemia aliada ao desemprego e ao isolamento social vem causando aos brasileiros, aumentando o estresse, a depressão e principalmente a ansiedade.

Figura 5. Aumento de vendas de medicamentos no ano de 2020 X 2019.

Medicamento	Vendas de 2019	Vendas de 2020	(%)
Ácido ascórbico (Vitamina C)	44.263.669	70.448.804	59%
Colecalciferol (Vitamina D)	18.668.577	33.809.829	81%
Hidroxicloroquina sulfato	963.596	2.026.910	113% ↑↑
Ivermectina	8.788.216	53.818.621	557% ↑↑
*Ibuprofeno	15.010.195	14.615.066	-2,63% ↓
Dipirona Sódica	30.226.256	46.716.599	54,56%
Nitazoxanida	9.214.556	10.128.351	10%
Paracetamol	11.150.452	19.774.819	77,35%
Anticonvulsivantes	46.216.034	52.132.718	54,56%
Antidepressivos e estabilizantes de humor	56.373.846	64.178.042	13,84%

Fonte: Elaboração própria das autoras, 2021.

Fármacos como a cloroquina e hidroxicloroquina demonstraram durante testes clínicos *in vitro* que podem contribuir para a inibição do SARS-CoV-2, entretanto, não demonstraram essa eficiência *in vivo* (LIU *et al.*, 2020; CLINICALTRIALS, 2020c; CAVALCANTI *et al.*, 2020). E mesmo assim, o uso desses medicamentos foi defendido pelo presidente do Brasil e outros chefes de estados que indicaram claramente esses medicamentos em seus discursos sendo divulgados pela mídia, apesar de ainda não terem comprovação científica *in vivo*, e, possuírem diversas reações adversas proporcionais as suas concentrações utilizadas (FERREIRA; ANDRICOPULO, 2020; CERON; SANTOS; QUILES, 2020; CESPEDES; SOUZA, 2020). Deste modo, estes medicamentos foram usados indiscriminadamente pela população brasileira, ficando sujeitas as possíveis reações adversas e seus efeitos potencialmente cardiotoxícos (KHUROO, 2020).

Além da cloroquina e hidroxicloroquina, outros medicamentos foram estudados para verificar sua ação contra a COVID-19, como, antivirais (favipiravir, remdesivir, ritonavir, lopinavir), agentes imunossupressores (tocilizumabe, leronlimab), glicocorticóides (dexametasona), inibidores da ACE 2 e antiparasitários (ivermectina e nitazoxamida) (HORBY *et al.*, 2020; CLINICALSTRIALS, 2020a; CLINICALSTRIALS, 2020b; CLINICALTRIALS,

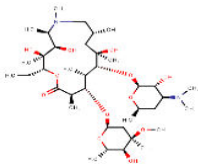
2020c). No entanto, além da dexametasona e do remdesivir não há comprovação científica *in vivo* de que as outras classes medicamentosas tenham eficácia no combate do SARS-CoV-2 (STONE, 2020; HUNG, 2020; SPINNER, 2020; GOLDMAN, 2020; MCFEE, 2020; CHOO; RAJKUMAR, 2020; SALAMA, 2021; PAN, 2021).

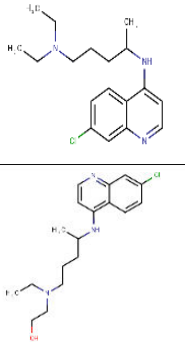
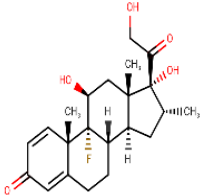
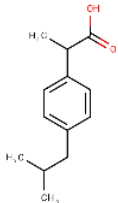
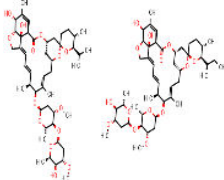
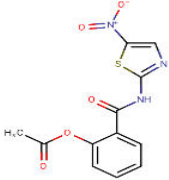
Em vista disso, é preocupante as informações passadas pela mídia e redes sociais influenciando o uso indiscriminado desses medicamentos, não dando relevância aos possíveis riscos que os mesmos podem vir a causar. Por exemplo, no caso da cloroquina e hidroxicloroquina (Tabela 2), os mais divulgados, apresentam uma estreita margem terapêutica de segurança, desde riscos de náuseas, vômitos, leves desconfortos abdominais até toxicidade cardíaca, prolongamento do intervalo QTc (Intervalo QT corrigido) que pode ser potencialmente fatal (KRUROO, 2020).

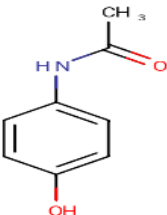
Outra circunstância que deve ser levantada são os riscos inerentes ao uso da dexametasona, que durante o Estudo Recovery (*Randomised Evaluation of COVID-19 Therapy*) se mostrou eficaz na dose de 6,0 mg/dia, por 10 dias, em pacientes hospitalizados com COVID-19 que recebiam terapia com oxigênio. No entanto, não houve resultados positivos quando aplicadas em casos leves de COVID-19, ou ainda, em pacientes que não recebiam terapia com oxigênio (UO, 2021; HORBY *et al.*, 2020).

Portanto, a dexametasona não deve ser recomendada para qualquer pessoa, e, mesmo sendo muito noticiada pela mídia, a população não deve fazer o uso por conta própria, pois assim como o uso da mesma deve ser acompanhado por um médico ou profissional de saúde a sua retirada também deve ser feita sob supervisão. Uma vez que, a dexametasona possui vários efeitos colaterais, sendo os mais comuns, a elevação da glicose no sangue e da pressão arterial, ganho de peso, e, dependendo do tempo de uso e da concentração usada pode causar osteoporose e insuficiência adrenal (Tabela 2) (HORBY *et al.*, 2020; SBEM, 2020).

Tabela 2. Principais medicamentos divulgados pela mídia para o tratamento/prevenção da COVID-19 no ano de 2020 no Brasil.

MEDICAMENTO	CLASSE	REAÇÕES ADVERSAS	INTERAÇÕES
<p>Azitromicina</p> 	Macrolídeos	Cefaleia; Náuseas; Vômitos; Diarreia; Diminuição da pressão arterial; Alteração na frequência cardíaca.	<ul style="list-style-type: none"> • Cloroquina e Hidroxicloroquina (Aumenta a chance de ocorrer prolongamento do intervalo QT, ocasionando arritmias cardíacas). • Paracetamol (Aumenta o metabolismo da azitromicina) • Remdesivir (Diminui o metabolismo da azitromicina).

<p>Cloroquina e Hidroxicloroquina</p> 	<p>4-Aminoquinolina</p>	<p>Cefaleia; Náusea; Vômito; Diarreia; Visão borrada; Hipotensão; Arritmias; Aumento do intervalo QTc; Confusão mental.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Azitromicina (Aumenta a chance de ocorrer prolongamento do intervalo QT, ocasionando arritmias cardíacas). • Dipirona (Diminui os níveis séricos da cloroquina e hidroxicloroquina, podendo ocasionar alguns distúrbios hematológicos como: plaquetopenia e agranulocitose). • Ivermectina (O risco ou a gravidade da miopatia, rabdomiólise e mioglobinúria podem ser aumentados quando a Ivermectina é combinada com a cloroquina). • Paracetamol (O metabolismo da cloroquina e hidroxicloroquina pode ser diminuído).
<p>Dexametasona</p> 	<p>Glicocorticoide – Anti-Inflamatório Esteroidal (AIÉs)</p>	<p>Acne; Supressão adrenal; Hiperglicemia; Resistência a insulina; Hiperlipidemia; Hipertensão arterial; Osteoporose.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ibuprofeno (Aumenta o a irritação gastrointestinal). • Ivermectina (Pode diminuir a taxa de excreção de ivermectina, o que pode resultar em um nível sérico mais alto). • Lopinavir e Ritonavir (Aumentam a biodisponibilidade, podendo ocasionar efeitos de “Cushing-like”). • Paracetamol (Pode aumentar as atividades hepatotóxicas do acetaminofeno).
<p>Ibuprofeno</p> 	<p>Anti-Inflamatório Não Esteroidal (AINE)</p>	<p>Azia leve; Náuseas e vômitos; Distensão abdominal; Diarreias; Constipação; Dor de cabeça; Tontura; Zumbido nos ouvidos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Hidroxicloroquina (Diminui o metabolismo do ibuprofeno). • Dexametasona (Aumenta o a irritação gastrointestinal).
<p>Ivermectina</p> 	<p>Antiparasitário</p>	<p>Constipação; Diarreia; Dor abdominal; Tontura; Náusea; Sonolência; Hipotensão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Azitromicina (Pode aumentar a concentração sérica da ivermectina). • Cloroquina (Pode aumentar as chances de desenvolver miopatia, rabdomiólise e mioglobinúria). • Dexametasona (Diminui a taxa de excreção da ivermectina, podendo resultar em um nível sérico mais alto).
<p>Nitazoxanida</p> 	<p>Tiazolídeos</p>	<p>Cólica; Diarreia; Dor de cabeça; Tontura; Vômito e náuseas; Reações alérgicas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não foi relatado interações com outros fármacos indicados para o tratamento/prevenção do COVID-19, até o presente momento.

<p>Paracetamol</p> 	<p>Analgésico</p>	<p>Anafilaxia; Eritema; Prurido; Reações de hipersensibilidade; Urticária.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Azitromicina (Aumenta o metabolismo da azitromicina). • Cloroquina e Hidroxicloroquina (Diminui o metabolismo do paracetamol). • Dexametasona (Pode aumentar as atividades hepatotóxicas do acetaminofeno).
---	-------------------	--	---

*As interações medicamentosas apresentadas denotam as reações entre os próprios medicamentos apontados pela mídia para a prevenção/tratamento do COVID-19 no ano de 2020.

Fonte: Elaboração própria das autoras (2021).

É notável que a automedicação vem acompanhada de riscos para possíveis complicações futuras, interações medicamentosas, resistência a fármacos, etc (INGELBEEN *et al.*, 2020; ZHANG *et al.*, 2021; GRAS *et al.*, 2021). Assim como, algumas atitudes praticadas por consumidores de medicamentos que se automedicam, como, alterar a dosagem dos medicamentos estimulando a superdosagem, e, parar com a utilização do medicamento quando a sintomatologia cessa. Deste modo, é importante conscientizar a população que algumas atitudes que eles cometem ao se automedicarem podem ser prejudiciais a si próprios e que, cada medicamento possui efeitos adversos que devem ser levados em consideração antes de ingerirem algum medicamento. À vista disso, indicações medicamentosas de amigos, familiares, redes sociais ou de qualquer pessoa que não seja capacitada não deve ser levada em consideração quando o assunto é saúde, principalmente em um momento pandêmico como o atual, onde há muitas incertezas quanto ao tratamento e dos efeitos posteriores ao COVID-19 (ICTQ, 2014; CFF, 2019a).

A venda exacerbada de alguns produtos impactou o setor farmacêutico. Medicamentos sugeridos como preventivos/curativos do COVID-19 (ex. cloroquina e hidroxicloroquina) e de uso hospitalar (ex. sedativos e anestésicos gerais), tiveram uma grande demanda durante a pandemia, levando ao desabastecimento de farmácias, drogarias e distribuidoras, tendo como consequência uma elevação significativa nos preços. O que é típico de um momento pandêmico, onde a procura por produtos passa superar a oferta. Devido esse cenário, fez-se necessário a inclusão de alguns medicamentos na lista de medicamentos de controle especial, mesmo que provisoriamente, com a finalidade de reduzir a escassez nos estabelecimentos de saúde e, principalmente, evitar a automedicação destes medicamentos (PAIVA *et al.*, 2020). Para tanto foi necessária uma nova Resolução - RDC nº 405/2020, que passou a regulamentar as vendas da cloroquina, hidroxicloroquina, nitazoxanida e ivermectina, podendo dispensar esses

medicamentos somente mediante a retenção da receita (ANVISA, 2020). A RDC n° 405/2020 entrou vigor no dia 22 de julho de 2020, entretanto, em setembro de 2020 houve uma atualização da mesma, excluindo a nitazoxanida e a ivermectina da lista de medicamentos controlados, passando a não ser necessário retenção de receita para a dispensação dos mesmos (FEBRAFAR, 2020).

3.3 Papel do farmacêutico durante a pandemia da COVID-19

A prática da automedicação é uma realidade antiga. Nota-se que, o uso de medicamentos sem prescrição ou orientação médica é cultural principalmente no Brasil. Diante disso, a importância dos farmacêuticos no combate e conscientização dessa cultura é imprescindível (NAVES *et al.*, 2010).

Esses profissionais são habilitados e capacitados para mostrar com base científica o que acontece ao automedicar-se, isto é, os danos gerados à saúde e, além disso, como essa prática pode encobrir sintomas de doenças ainda mais nocivas (TRUTA *et al.*, 2017). Contribuindo, portanto, para a minimização dos riscos de morbimortalidade, diminuição de efeitos adversos, redução de custos relacionados a terapias medicamentosas e conscientização da população sobre seu estado de saúde através da atenção farmacêutica (SILVA; FONTOURA, 2016).

Em meio à crise de saúde pública mundial, em decorrência da pandemia do coronavírus, os profissionais farmacêuticos vêm protagonizando na linha de frente. Todavia, não estão tendo o devido reconhecimento por seus atos. Vários profissionais da saúde foram reconhecidos e chamados de heróis durante campanhas e publicações midiáticas, entretanto, os profissionais farmacêuticos raramente foram mencionados. Sendo assim, é fundamental refletir sobre a importância dos farmacêuticos e as suas contribuições para a sociedade no período atual, onde o cenário de insegurança, incertezas e medo prevalecem, fazendo a população brasileira voltar-se para a automedicação como método de proteção, sendo inquestionável a importância da atuação farmacêutica nesse quesito (GOFF *et al.*, 2020; ICTQ, 2021).

Desde o início da pandemia os farmacêuticos estão na linha de frente, atuando em indústrias, laboratórios, clínicas, hospitais, farmácias, drogarias e distribuidoras de medicamentos, se dedicando ao máximo para o desenvolvimento da vacina contra o coronavírus, bem como, atendendo a população, esclarecendo dúvidas, combatendo fake news, garantindo acesso a medicamentos, materiais e equipamentos de saúde (DE SANTANA; HONÓRIO JÚNIOR, 2016; MONTEIRO *et al.*, 2020).

Com a pandemia, a distribuição de medicamentos essenciais e materiais hospitalares se tornaram críticas devido ao desabastecimento do setor, falta de matérias-primas, pouca oferta em frente a grande demanda e valores abusivos no mercado (SETOR SAÚDE, 2020).

O aumento do consumo de materiais hospitalares e medicamentos foi inevitável. Medicamentos sedativos, relaxantes musculares, analgésicos e anestésicos gerais (por exemplo, Atracúrio 2,5 ml (anestésico), Fentanil 10 ml (anestésico), Propofol 20 ml (anestésico), Remifentanil 2 mg (analgésico/anestésico/sedativo), Rocurônio 10 mg (anestésico)¹) tiveram um aumento de consumo, devido as necessidades desses medicamentos para intubação e ventilação mecânica (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Outros medicamentos como: Norepinefrina (terapia cardíaca e suporte vital), Midazolam (hipnótico/sedativo/tranquilizante), Besilato de cisatracúrio (sedativo), Omeprazol e Pantoprazol (antiácidos, tratamento de dispepsia/úlcera gástrica), dentre outros, ficaram em falta no mercado farmacêutico devido ao desabastecimento do mercado interno (SETOR SAÚDE, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2021; AMIB, 2021).

O aumento no consumo de máscaras descartáveis, máscaras PFF2, luvas e aventais descartáveis em ambiente hospitalar, aliados a falta desses produtos no setor farmacêutico fizeram com que os mesmos sofressem reajustes nos preços. As máscaras PFF2 aumentaram aproximadamente 700%, em comparação com o ano de 2019, as luvas aumentaram cerca de 200%, e, o álcool em gel teve um aumento de 216%. EPIs estes, essenciais para evitar a disseminação da doença para os profissionais de saúde, principalmente para os profissionais que atuam na terapia intensiva e nas UTIs (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Os farmacêuticos fundamentados nos seus saberes farmacoeconômicos tiveram que escrutinar quais medicamentos e materiais eram necessários para manter a continuidade dos serviços, sem prejudicar o faturamento do hospital, tornaram-se um nítido apoio para a equipe médica, fornecendo informações sobre medicamentos de uso *off-label*, uma vez que, os mesmos podem ponderar quais os riscos e benefícios quando se opta pela prescrição *off-label*. Além disso, participaram ativamente da equipe multidisciplinar alertando sobre possíveis reações adversas, e, as melhores opções de substituição medicamentosa (OLIVEIRA *et al.*, 2021; SILVA; ABREU, 2021).

Os profissionais farmacêuticos também se destacaram durante o desenvolvimento da vacina contra o coronavírus estando em maior número quantitativo dos profissionais que

¹ Atracúrio e o Rocurônio são utilizados como adjuvantes da anestesia geral para facilitar a intubação endotraqueal e propiciar o relaxamento da musculatura esquelética ou a ventilação, Fentanil e Remifentanil são utilizados para analgesia e o Propofol é usado para sedação dos pacientes em terapia intensiva.

contribuíram para a pesquisa e desenvolvimento. Como no caso da CoronaVac e AstraZeneca, onde os farmacêuticos contribuíram significativamente para a aprovação do seu uso emergencial no Brasil, que ocorreu no dia 17 de janeiro de 2021 (CFF, 2021a).

É importante frisar que, as campanhas de imunização só tiveram início no dia 20 de janeiro, no dia dos profissionais farmacêuticos, servindo de lembrete para o Ministério da Saúde que os mesmos são grandes aliados do SUS. Principalmente nesse momento, onde farmácias e drogarias podem se tornar locais estratégicos para a administração dessas vacinas. No entanto, é inegável que esses profissionais já estão tendo um papel fundamental nas campanhas de imunização, estando a postos para avaliar, certificar e autorizar os próximos lotes, seja de forma emergencial ou definitiva (CFF, 2021a).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação é uma prática comum no Brasil e tornou-se mais evidente durante a pandemia. Milhares de pessoas estimuladas pelas mídias e redes sociais adquiriram medicamentos de forma precipitada, levando caos aos setores farmacêuticos, provocando o desabastecimento de medicamentos e insumos importantes para tratar casos graves de COVID-19 e outras enfermidades. Trazendo à tona problemas negligenciados pelo governo brasileiro, como por exemplo, posições anticientíficas de governantes, cortes em pesquisas, falta de insumos farmacêuticos, uma vez que, a maioria dos ativos usados na produção de medicamentos são importados da Índia e da China, desvalorização do real, etc.

Durante a pandemia do COVID-19, muitos profissionais tiveram que se adequar à nova realidade como foi o caso dos profissionais farmacêuticos que não pararam de trabalhar, intensificando as suas jornadas de trabalho, assumindo novas responsabilidades e mostrando ser os profissionais de saúde mais próximos da população, tornando-se possível conscientizá-las e instruí-las. Deste modo, a sociedade, a mídia e o governo não podem mais negligenciar a importância que os farmacêuticos têm para a saúde da população, principalmente em momentos de crises de saúde pública, onde a automedicação se torna uma prática perigosa para os cidadãos, colocando não apenas as pessoas em risco como também a economia do país.

Por esses motivos faz-se necessário o reconhecimento dos farmacêuticos como profissionais de saúde, deixando de ser meros vendedores de medicamentos, passando a atuar na área clínica, prescritiva e preventiva, assim como, reconhecer que as pesquisas científicas brasileiras são importantes para a sociedade, não sendo apenas perda de dinheiro público, como

alguns políticos acreditam ser. Portanto, o repasse de verbas para pesquisas envolvendo novos fármacos e o desenvolvimento de ativos farmacêuticos em território brasileiro torna-se essencial, assim o Brasil passará a não depender de repasses de matérias primas de outros países, deixando de ficar à mercê da desvalorização do real.

5. REFERÊNCIAS

AIRAGNES, G.; PELISSOLO A.; LAVALLÉE, M.; FLAMENT, M.; LIMOSIN, F. Benzodiazepine Misuse in the Elderly: Risk Factors, Consequences, and Management. **Curr. Psychiatry Rep.**, 2016, Oct, vol. 18 (supl. 10), p. 89.

AQUINO, E. M. L.; SILVEIRA, I. H.; PESCARINI, J. M.; AQUINO, R.; SOUZA-FILHO, J. A.; ROCHA, A. S.; FERREIRA, A.; VICTOR, A.; TEIXEIRA, C.; MACHADO, D. B.; PAIXÃO, E.; ALVES, F. J. O.; PILECCO, F.; MENEZES, G.; GABRIELLI, L.; LEITE, L.; ALMEIDA, M. C. C.; ORTELAN, N.; FERNANDES, Q. H. R. F.; ORTIZ, R. J. F.; PALMEIRA, R. N.; JUNIOR, E. P. P.; ARAGÃO, E.; SOUZA, L. E. P. F.; NETTO, M. B.; TEIXEIRA, M. G.; BARRETO, M. L.; ICHIHARA, M. Y.; LIMA, R. T. R. S. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5 jun. 2020, vol. 25 (sup. 1), p. 2423-2446.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Rev. Saúde Pública**, vol. 50 (supl. 2): 13s, dez. 2016.

AMIB. Associação de Medicina Intensiva Brasileira. Orientações sobre o manejo de medicamentos analgésicos, sedativos e bloqueadores neuromusculares para intubação traqueal, manutenção de pacientes em ventilação mecânica e anestesia em situações de escassez no contexto da pandemia Covid-19. **AMIB**, 21 de março de 2021, p. 16-35.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada – RDC n°405, de 22 de julho de 2020. **Ministério da Saúde**, edição 140, seção 1, p. 88.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública n° 95, de 19 de novembro de 2001, [s. l.], 2001. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BARROS, G. A. M.; CALONEGO, M. A. M.; MENDES, R. F.; CASTRO, R. A. M.; FARIA, J. F. G.; TRIVELLATO, S. A.; CAVALCANTE, R. S.; FUKUSHIMA, F. B.; DIAS, A. Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, 2019, v. 69 (supl. 6), p. 529-536.

BARROS, M. B. A.; LIMA, M. G.; MALTA, D. C.; SZWARCOWALD, C. L.; AZEVEDO, R. C. S.; ROMERO, D.; JÚNIOR, P. R. B. S.; AZEVEDO, L. O.; MACHADO, I. E.; DAMACENA, G. N.; GOMES, C. S.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P.; PINA, M. F.; GRACIE, R. Report on sadness / depression, nervousness / anxiety and sleep problems in the

Brazilian adult population during the COVID-19 pandemic. **Epidemiology Serv. Saúde**, 24 Aug. 2020, vol. 29 (supl. 4).

BECKHAUSER, G. C.; SOUZA, J. M.; VALGAS, C.; PIOVEZAN, A. P. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis, **Rev. Paul. Pediatr.** vol. 28, n. 3, São Paulo, set. 2010, v. 28 (supl. 3).

CAVALCANTI, A. B.; ZAMPIERE, F. G.; ROSA, R. G.; AZEVEDO, L. C. P.; VEIGA, V. C.; AVEZUM, A.; DAMIANI, L. P.; MARCADENTI, A.; DOURADO, L. K.; LISBOA, T.; JUNQUEIRA, D. L. M.; SILVA, P. G. M. B.; TRAMUJAS, L.; SILVA, E. O. A.; LARANJEIRA, L. N.; SOARES, A. T.; ECHENIQUE, L. S.; PEREIRA, A. J.; FREITAS, F. G. R.; GEBARA, O. C. E.; DANTAS, V. C. S.; FURTADO, R. H. M.; MILAN, E. P.; GOLIN, N. A.; CARDOSO, F. F.; MAIA, I. S.; FILHO, C. R. H.; KORMANN, A. P. M.; AMAZONAS, R. B.; OLIVEIRA, M. F. B.; NETO, A. S.; FALAVIGNA, M.; LOPES, R. D.; MACHADO, F. R.; BERWANGER, O. Hydroxychloroquine with or without Azithromycin in Mild-to-Moderate Covid-19. **The New England Journal of Medicine**, 2020, Nov. 19, vol. 383 (supl. 21), p. 2041-2052.

CESPEDES, M. S.; SOUZA, J. C. R. P. Sars-CoV-2: A clinical update - II. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, Apr. 2020, v. 66 (supl. 4), p. 547-557.

CERON, W.; SANTOS, M. F. L.; QUILES, M. G. Fake news agenda in the era of COVID-19: Identifying trends through fact checking content. **Online Social Networks and Media**, volume 21, 2021.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. **Pesquisa sobre uso racional de medicamentos**, [s. l.], 2019a. Disponível em: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5279&titulo=Veja+a+repercuss%C3%A3o+da+pesquisa+sobre+uso+racional+de+medicamentos+na+m%C3%ADdia>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. Uso de Medicamentos. **Datafolha Instituto de Pesquisa**, abr. 2019b. Disponível em: <https://www.cff.org.br/userfiles/file/Uso%20de%20Medicamentos%20-%20Relat%c3%b3rio%20%20final.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia. **Comunicação CFF**, 10 de setembro de 2020a. Disponível em: <http://covid19.cff.org.br/venda-de-medicamentos-psiquiatricos-cresce-na-pandemia/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos, **CFF**, 30 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. Coronavírus. Covid-19: Farmacêuticos e farmácias serão estratégicos na vacinação, **CFF**, 20 jan. 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/conselho-federal-de-farmacia/noticia/2021/01/20/covid-19-farmaceuticos-e-farmacias-serao-estrategicos-na-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2021

CFF. Conselho Federal de Farmácia. Venda de remédios sem eficácia comprovada contra a COVID-19 dispara, **CFF**, 4 fev. 2021b. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6197&titulo=Venda+de+rem%C3%A9dios+sem+efic%C3%A1cia+comprovada+contra+a+Covid+dispara>. Acesso em: 13 mar. 2021.

CHOO, E. K.; RAJKUMAR S. V. Medication Shortages During the COVID-19 Crisis: What We Must Do. **Mayo Clinic Proc.**, 2020 Jun; vol. 95, supl. 6, p. 1112-1115.

CLINICALTRIALS. ClinicalTrials.gov. A Trial of Remdesivir in Adults With Severe COVID-19. **National Library of Medicine** (EUA), 12 de março de 2020a - Identificador NCT04257656, Severe2019-nCoV Remdesivir RCT. Disponível em: <https://clinicaltrials.gov/ct2/show/NCT04257656> Acesso em: 26 mar. 2021.

CLINICALTRIALS. ClinicalTrials.gov. A eficácia do lopinavir mais ritonavir e arbidol contra nova infecção por coronavírus (ELACOI). **National Library of Medicine** (EUA), 12 de março de 2020b - Identificador NCT04252885. Disponível em: <https://clinicaltrials.gov/ct2/show/study/NCT04252885>. Acesso em: 26 mar. 2021.

CLINICALTRIALS. ClinicalTrials.gov. Várias combinações de Inibidores de Protease, Oseltamivir, Favipiravir e Cloroquina para o Tratamento de COVID-19: Um Estudo de Controle Randomizado (THDMS-COVID19). **National Library of Medicine** (EUA), 1 de setembro de 2020c - Identificador NCT04303299. Disponível em: <https://clinicaltrials.gov/ct2/show/NCT04303299>. Acesso em: 28 mar. 2021.

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO, T. F.; ANDRADE, K. R. C.; ARAÚJO, P. C.; SILVA, M. T.; PEREIRA, M. G. Prevalence and associated factors of self-medication in adults living in the Federal District, Brazil: a cross-sectional, population-based study. **Epidemiol. Serv. Saúde**. 2017 Apr-Jun; vol. 26, supl. 2, p. 319-330.

DRUGBANK. Banco de dados de drogas. Banco de dados de medicamentos. Disponível em: <https://go.drugbank.com/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FAPESP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Fake news na ciência. **Agência FAPESP**, 28 de março de 2019. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/fake-news-na-ciencia/30120/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

FEBRAFAR. Federação Brasileira das Redes Associativistas e Independentes de Farmácias. Ivermectina e nitazoxanida deixam de ser controlados. **Febrafar**, 2 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.febrafar.com.br/ivermectina-e-nitazoxanida-deixam-controlados/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FERREIRA, L. L. G.; ANDRICOPULO, A. D. Medicamentos e tratamentos para a COVID-19. **Estudos avançados**, vol. 34, n. 100, São Paulo, Sept./Dec. 2020.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. S.; FAGUNDES, M. C. M. Fact or Fake? An analysis of disinformation regarding the Covid-19 pandemic in Brazil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25 (supl. 2), p. 4201- 4210, 2020.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira, **Rev. Bras. Enferm.**, v. 73 (supl. 5), 2020.

GOFF, D. A.; OREDOPE, D. A.; CAIRNS, K. A.; ELJAALY, K.; GAUTHIER, T. P.; LANGFORD, B. J.; MAHMOUD, S. F.; MESSINA, A. P.; MICHAEL, U. C.; SAAD, T.; SCHELLACK, N. Global contributions of pharmacists during the COVID-19 pandemic. **Journal of the American College of Clinical Pharmacy**, v. 3, p. 1480 – 1492, 2020.

GOLDMAN, J. D.; LYE, D. C. B.; HUI, D. S.; MARKS, K. M.; BRUNO, R.; MONTEJANO, R.; SPINNER, C. D.; GALLI, M.; AHN, M. Y.; NAHASS, R. G.; CHEN, Y. S.; SENGUPTA, D.; HYLAND, R. H.; PHIL, D.; OSINUSI, A. O.; CAO, H.; BLAIR, C.; WEI, X.; GAGGAR, A.; BRAINARD, D. M.; TOWNER, W. J.; MUNOZ, J.; MULLANE, K. M.; MARTY, F. M.;

TASHIMA, K. T.; DIAZ, G.; SUBRAMANIAN, A. Remdesivir for 5 or 10 Days in Patients with Severe Covid-19. **The New England Journal of Medicine**, 2020, Nov. 5, vol. 383 (supl. 19), p. 1827-1837.

GRAS, M.; CHAMPEL, V. G.; MORAGNY, J.; DELAUNAY, P.; LAUGIER, D.; MASMOUD, K.; LIABEU, S. Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication. **Ann. Pharm. Fr.**, 2021, Feb. 22:S0003-4509 (21) 00035-3. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pharma.2021.02.003>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RECOVERY COLLABORATIVE GROUP; HORBY, P.; LIM, W. S.; EMBERSON, J. R.; MAFHAM, M.; BELL, J. L.; LINSELL, L.; STAPLIN, N.; BRIGHTLING, C.; USTIANOWSKI, A.; ELMAHI, E.; PRUDON, B.; GREEN, C.; FELTON, T.; CHADWICK, D.; REGE, K.; FEGAN, C.; CHAPPELL, L. C.; FAUST, S. N.; JAKI, T.; JEFFERY, K.; MONTGOMERY, A.; ROWAN, K.; JUSZCZAK, E.; BAILLIE, J. K.; HAYNES, R.; LANDRAY, M. J. Dexamethasone in Hospitalized Patients with Covid-19 - Preliminary Report. **The New England journal of medicine**, 17 Jul. 2020.

HUNG, I. F. N.; LUNG, K. C.; TSO, E. Y. K.; LIU, R.; CHUNG, T. W. H.; CHU, M. Y.; NG, Y. Y.; LO, J.; CHAN, J.; TAM, A. R.; SHUM, H. P.; CHAN, V.; WU, A. K. L.; SIN, K. M.; LEUNG, W. S.; LAW, W. L.; LUNG, D. C.; SIN, S.; YEUNG, P.; YIP, C. C. Y.; ZHANG, R. R.; FUNG, A. Y. F.; YAN, E. Y. W.; LEUNG, K. H.; IP, J. D.; CHU, A. W. H.; CHAN, W. M.; NG, A. C. K.; YAN, W. W.; CHAN, W. M.; CHAN, J. F. W.; LIE, A. K. W.; TSANG, O. T. Y.; CHENG, V. C. C.; QUE, T. L.; LAU, C. S.; CHAN, K. H.; TO, K. K. W.; YUEN, K. Y. Triple combination of interferon beta-1b, lopinavir-ritonavir, and ribavirin in the treatment of patients admitted to hospital with COVID-19: an open-label, randomised, phase 2 trial. **The Lancet**, 2020, may. 30, vol. 395 (supl. 10238), p. 1695-1704.

ICTQ. Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Pesquisa - Automedicação no Brasil (2014), [s. l.], 2014. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/353-indicacao-de-amigo-reforca-a-pratica-da-automedicacao>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ICTQ. Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Pesquisa - Automedicação no Brasil (2018), [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ICTQ. Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Covid-19: Interações Medicamentosas nas Terapias Experimentais, [s. l.], 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/opiniao/1376-covid-19-interacoes-medicamentosas-nas-terapias-experimentais>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ICTQ. Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade. O protagonismo do farmacêutico na mídia em tempos de pandemia, 2021. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/marketing-farmaceutico/1456-o-protagonismo-do-farmaceutico-na-midia-em-tempos-de-pandemia-2#:~:text=Em%20meio%20a%20um%20cen%C3%A1rio,frente%20no%20combate%20ao%20v%C3%ADrus>. Acesso em: 24 mar. 2021.

INGELBEEN, B.; KOIRALA, K. D.; VERDONCK, K.; BARBÉ, B.; MEKUNDI, D.; THONG, P.; SAFI, S. E.; DUFFEL, L. V.; BOTTIEAU, E.; SANDE, M. A. B. V. D.; BOELAERT, M.; CHAPPUES, F.; JACOBS, J. Antibiotic use prior to seeking medical care in patients with persistent fever: a cross-sectional study in four low- and middle-income countries. **Clinical Microbiology and Infection**, nov. 11, 2020.

JOSHI, S.; PARKAR J.; ANSARI, A.; VORA, A.; TALWAR, D.; TIWASKAR, M.; PATIL, S.; BARKATE, H. Role of favipiravir in the treatment of COVID-19. **International Journal of Infection Diseases**, 2021 Jan; vol. 102, p. 501-508.

KHURROO, M. S. Chloroquine and hydroxychloroquine in coronavirus disease 2019 (COVID-19). Facts, fiction and the hype: a critical appraisal. **International Journal of Antimicrobial Agents**, 2020 september, vol. 56 (sup. 3), p. 106101.

LAI, C. C.; SHIH, T. P.; KO, W. C.; TANG, H. J.; HSUEH, P. R. Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) and coronavirus disease-2019 (COVID-19): The epidemic and the challenges. **International Journal of Antimicrobial Agents**, volume 55 (supl. 3), 2020.

LEE, N.; CHAN, K. C. A.; HUI, D. S.; NG, E. K. O.; WU, A.; CHIU, R. W. K.; WONG, V. W. S.; CHAN, P. K. S.; WONG, E.; COCKRAN, C. S.; TAM, J. S.; SUNG, J. J. Y.; LO, Y. M. D. Effects of early corticosteroid treatment on plasma SARS-associated Coronavirus RNA concentrations in adult patients. **Journal of Clinical Virology**, 2004 Dec., vol. 31 (supl. 4), p. 304-309.

LIU, J.; CAO, R.; XU, M.; WANG, X.; ZHANG, H.; HU, H.; LI, Y.; HU, Z.; ZHONG, W.; WANG, M. Hydroxychloroquine, a less toxic derivative of chloroquine, is ineffective in inhibiting SARS-CoV-2 infection in vitro. **Cell Discov.** 2020 Mar. 18, vol. 6 (supl. 16).

MAKOWSKA, M.; BOGUSZEWSKI, R.; NOWAKOSHI, M.; PODKOWINKA, M. Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, 2020 Nov., v. 17 (supl. 22), p. 8344.

MATOS, R. C. Fake news frente à pandemia de COVID-19. Vigilância Sanitária Em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (**Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology**) – Visa Em Debate, v. 8 (supl. 3), p. 78-85, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Sobre a doença. COVID-19, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MONTEIRO, F. F. C.; ARAÚJO, I. G.; SANTOS, R. O.; NASCIMENTO, R. M.; LOUREIRO, L. M. A.; PESSOA, E. T. F. P.; MORAIS, A. C. L. N. O papel da assistência farmacêutica no tratamento de pacientes com COVID-19 em hospital de referência no município de Fortaleza. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 11 (supl.1), p. e11127, 13 nov. 2020.

MOREIRA, T. A.; TEODORO, J. A.; BARBOSA, M. M.; JÚNIOR, A. A. G.; ARCUCIO, F. A. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil, **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 2020 May., v. 23.

MCFEE, R. B. COVID-19: Therapeutics and interventions currently under consideration. **Disease-a-Month**, 2020 Sep.; vol. 66 (supl. 9), p. 101058.

NASIR, M.; TALHA, K. A.; CHOWDHURY, A. S. M. S.; ZAHAN, T.; PERVEEN, R. A. Prevalence, Pattern and Impact of Self Medication of Anti-infective Agents During COVID-19 outbreak in Dhaka City. **Research Square**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-57011/v1>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NAVES, J. O. S.; CASTRO, L. L. C.; CARVALHO, C. M. S.; HAMANN, E. M. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciênc. saúde coletiva**, vol. 15 (supl. 1), Rio de Janeiro, Junho 2010.

OLIVEIRA, A. C. C. L.; MAGALHÃES, N. C. V.; SILVA, P. A. A. A.; BARJA, P. R.; VIRIATO, A. Gestão hospitalar de equipamentos de proteção individual no enfrentamento à pandemia COVID-19. **Brasilian Journal of Development**, 2021, Curitiba, vol. 7 (supl. 3), p. 23814-23831.

ONCHONGA, D. A Google Trends study on the interest in self-medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic, **Saudi Pharmaceutical Journal**, vol. 28 (supl. 7), 2020, p. 903-904.

PAIVA, A. M.; PINTO, A. W. S.; CANÇADO, B. L.; CHEQUER, F. M. D.; PEREIRA, M. L.; BALDONI, A. O. Efeitos das “promessas terapêuticas” sobre os preços de medicamentos em tempos de pandemia. **Journal of Health and Biological Sciences**, v. 8 (supl.1), 2020.

PAN, H.; PETO, R.; RESTREPO, A. M. H.; PREZIOSI, M. P.; SATHIYAMOORTHY, V.; KARIM, Q. A.; LEJANDRIA, M. M.; GARCÍA, C. H.; KIENY, M. P.; MALEKZADEH, R.; MURTHY, S.; REDDY, K. S.; PERIAGO, M. R.; HANNA, P. A.; ADER, F.; BADER, A. M. A.; ALHASAWI, A.; ALLUM, E.; ALOTAIBI, A.; MORENO, C. A. A.; APPADOO, S.; ASIRI, A.; AUKRUST, P.; DUE, A. B.; BELLANÍ, S.; BRANCA, M.; PORTER, H. B. C. C.; CERRATO, N.; CHOW, T. S.; COMO, N.; EUSTACE, J.; GARCÍA, P. J.; GODBOLE, S.; GOTUZZO, E.; GRISKEVICIUS, L.; HAMRA, R.; HASSAN, M.; HASSANY, M.; HUTTON, D.; IRMANSYAH, I.; JANCORIENE, L.; KIRWAN, J.; KUMAR, S.; LENNON, P.; LOPARDO, G.; LYDON, P.; MAGRINI, N.; MAGUIRE, T.; MANEVSKA, S.; MANUEL, O.; MCGINTY, S.; MEDINA, M. T.; RUBIO, M. L. M.; MONTOYA, M. C. M.; NEL, J.; NUNES, E. P.; PEROLAS, M.; PORTOLÉS, A.; RASMIN, M. R.; RAZA, A.; REES, H.; REGES, P. P. S.; ROGERS, C. A.; SALAMI, K.; SALVADORI, M. I.; SINANI, N.; STERNE, J. A. C.; STEVANOVIKJ, M.; TACCONELLI, E.; TIKKINEN, K. A. O.; TRELLE, S.; ZAID, H.; ROTTINGEN, J. A. SWAMINATHAN, S. Repurposed Antiviral Drugs for Covid-19 - Interim WHO Solidarity Trial Results. **The New England Journal of Medicine**, 2021 Fev 11, vol. 384 (supl. 6), p. 497-511.

PEREIRA, J. R.; SOARES, L.; HOEPFNER, L.; KRUGER, K. E.; GUTTERVIL, M. L.; TONINI, K. C.; DEVEGILI, D. A.; ROCHA, E. R.; VERDI, F.; DALFOVO, D.; OLSEN, K.; MENDES, T.; DERETTI, R.; SOARES, V.; LOBERMEYER, C.; MOREIRA, J.; FERREIRA, J.; FRANCISCO, A. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. Joinville: **Univille**, v. 20, 2008.

PONS, E. S.; KNAUTH, D. R.; VIGO, A. Fatores predisponentes para a prática da automedicação no Brasil: Resultados da Pesquisa Nacional de Acesso, Uso e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM), **Journal Plos One**, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0189098>. Acesso em: 16 mar. 2021.

QUINTANILHA, D. O. Ibuprofeno e outros AINEs são desaconselhados para pacientes com Covid-19. **Portal PUBMED**, 18 marc. 2020. Disponível em: <https://pubmed.com.br/ibuprofeno-e-outros-aines-sao-desaconselhados-para-pacientes-com-covid-19/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

RAHMAWATI, R.; BAJOREK, B. V. Self-medication among people living with hypertension: a review. **Fam. Pract.**, 2017 Apr, vol. 34 (supl. 2), p. 147-153.

SALAMA, C.; HAN, J.; YAU, L.; REISS, W. G.; KRAMER, B.; NEIDHART, J. D.; CRINER, G. J.; LEWIS, E. K.; BADEN, R. B.; PANDIT, L.; CAMERON, M. L.; DIAZ, J. G.; CHÁVEZ, V.; REUTER, M. M.; MENEZES, F. L.; SHAH, R.; LARA, M. F. G.; ASSMAN, B.; FREEDMAN, J.; MOHAN, S. V. Tocilizumab in Patients Hospitalized with Covid-19 Pneumonia. **The New England Journal of Medicine**, 2021 Jan 7, vol. 384 (supl. 1), p. 20-30.

SANTANA, R. M.; HONÓRIO, J. E. R. Os cuidados do farmacêutico com a imunização. **Revista Baiana de Saúde Pública**, vol. 1 (supl. 1), p. 442-456, 2016.

SANTOS, W.; ROCHA, R.; JÚNIOR, J. E. S. "A Influência do Marketing Digital no Processo de Compra de Medicamentos no Brasil no Contexto da Pandemia da COVID-19". **13º Congresso Latino-Americano de Varejo e Consumo: "After COVID-19: Building Purpose through Stakeholders in Retailing"**, 14 Dez. 2020.

SETOR SAÚDE. Desabastecimento de medicamentos essenciais no combate à covid-19 preocupa hospitais. Estatísticas e análises, 27 de junho de 2020. Disponível em: <https://setorsaude.com.br/desabastecimento-de-medicamentos-essenciais-no-combate-a-covid-19-preocupa-hospitais/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SILVA, Y. A.; FONTOURA, R. Principais Consequências da Automedicação em Idosos, Brasil. **Rev. de Divulgação Científica Sena Aires**, 2016; n° 1, p. 75-82.

SILVA, M. E. H.; ABREU, C. R. C. Medicamentos Off-Label. **Revista JRG de estudos acadêmicos**, 2021, vol. 4 (supl. 8), p. 300-308.

SOUSA, A. R.; ALENCAR, D. C.; SILVA, A. M. M. M.; SOUZA, C. S.; BARROS, J. F.; PEREIRA, A. Men, health needs and motivations for self-medication. *Culture of Care*, v. 23 (supl. 55), 2019.

SUN, J.; DENG, X.; CHEN, X.; HUANG, J.; HUANG, S.; LI, Y.; FENG, J.; LIU, J.; HE, G. Incidence of Adverse Drug Reactions in COVID-19 Patients in China: An Active Monitoring Study by Hospital Pharmacovigilance System. **Clinical Pharmacology & Therapeutics**, 2020.

SBEM. Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Comunicado da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) sobre os riscos do uso indiscriminado e da automedicação com Dexametasona. **SBEM**, junho de 2020, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/sbem-alerta-sobre-uso-da-dexametasona/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SHIN, D. H.; KANG, M.; SONG, K. H.; JUNG, J.; KIM, E. S.; KIM, H. B. A call for antimicrobial stewardship in patients with COVID-19: a nationwide cohort study in Korea. **Clinical Microbiology and Infection**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cmi.2020.10.024>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SPINNER, C. D.; GOTTLIEB, R.; CRINER, G. J.; LÓPES, J. R. A.; CATTELAN, A. M.; VILADOMIU, A. S.; OGBUAGU, O.; MALHOTRA, P.; MULLANE, K. M.; CASTAGNA, A.; CHAI, L. Y. A.; ROESTENBERG, M.; TSANG, O. T. Y.; BERNASCONI, E.; TURNIER, P. L.; CHANG, S. C.; SENGUPTA, D.; HYLAND, R. H.; OSINUSI, A. O.; CAO, H.; BLAIR, C.; WANG, H.; GAGGAR, A.; BRAINARD, D. M.; MCPHAIL, M. J.; BHAGANI, S.; AHN, M. Y.; SANYAL, A.; HUHN, G.; MARTY, F. M. Effect of Remdesivir vs Standard Care on Clinical Status at 11 Days in Patients With Moderate COVID-19: A Randomized Clinical Trial. **JAMA NetWork**, 2020 Sep 15, vol. 324 (supl. 11), p. 1048-1057.

STONE, J. H.; FRIGALT, M. J.; BOYD, N. J. S.; FERNANDES, A. D.; HARVEY, L.; FOULKES, A. S.; HORICK, N. K.; HEALY, B. C.; SHAN, R.; BENSACI, A. M.;

WOOLLEY, A. E.; NIKIFOROW, S.; LIN, N.; SAGAR, M.; SCHRAGER, H.; HUCKINS, D. S.; AXELROD, M.; PINCUS, M. D.; FLEISHER, J.; SACKS, C. A.; DOUGAN, M.; NOTH, C. M.; HALVORSEN, Y. D.; THURBER, T. K.; DAGHER, Z.; SCHERER, A.; WALLWORK, R. S.; KIM, A. Y.; SCHOENFELD, S.; SEN, P.; NEILAN, T. G.; PERUGINO, C. A.; UNIZONY, S. H.; COLLIER, D. S.; MATZA, M. A.; YINH, J. M.; BOWMAN, K. A.; MEYEROWITZ, E.; ZAFAR, A.; DRBNI, Z. D.; BOLSTER, M. B.; KOHLER, M.; SILVA, K. M. D.; DAU, J.; LOCKWOOD, M. M.; CUBBISON, C.; WEBER, B. N.; MANSOUR, M. K. Efficacy of Tocilizumab in Patients Hospitalized with Covid-19. **The New England Journal of Medicine**, 2020 Dec 10, vol. 383 (supl. 24), p. 2333-2344.

TAPIA, A. M.; ESCOBAR, A. C.; ARCE, D. C.; OLAZO, D. C.; RIOS, A. J. P.; ROMERO, R. C. D. Fatores associados à automedicação com medicamentos relacionado ao COVID-19 em estudantes de ciências da saúde de uma cidade peruana, [s. l.], 21 set. 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.1225. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1225/1880>. Acesso em: 18 mar. 2021.

TRENDS. GOOGLE TRENDS (Brasil). Busca de termos Google Trends: Automedicação no Brasil, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=automedica%C3%A7%C3%A3o&geo=BR>. Acesso em: 13 mar. 2021.

TRUTA, C. N.; MAURÍCIO, V. A. S.; MAGALHÃES, F. C.; SILVA, G. F.; FERNANDES, G. V.; QUEIROZ, R. M. L.; UCHOA, S. A. C.; MARTINIANO, C. S. Prevalência e Características da Automedicação entre os Idosos: Revisão Bibliográfica. **XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação Universidade do Vale da Paraíba**, v. 9 (supl. 5), p. 23-47, 2017.

UO. University of Oxford. Randomised Evaluation of COVID-19 Therapy (RECOVERY). **U.S. National Library of Medicine**, 10 fev. 2021.

VELEVAN, T. P.; MEYER, C. G. The COVID-19 epidemic. **Trop. Med. Int. Health**, 2020; vol. 25 (supl. 3), p. 278-280.

WHO (Geneva). World Health Organization. Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication. **WHO**, Suíça, 2000. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/66154>. Acesso em: 13 mar. 2021.

WHO (Geneva). World Health Organization. Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV) Geneva. **WHO**, 2020a. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 13 mar. 2021.

WHO (Geneva). World Health Organization. Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19, 11 March 2020b, Geneva. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ZU, Z. Y.; JIANG, M. D.; XU, P. P.; CHEN, W.; NI, Q. Q.; LU, G. M.; ZHANG, L. J. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): A Perspective from China Radiology, 200490, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://pubs.rsna.org/doi/full/10.1148/radiol.2020200490>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ZHANG, A.; HOBMAN, E. V.; BARRO, P.; YOUNG, A.; CARTER, D. J.; BYRNE, M. Self-Medication with Antibiotics for Protection against COVID-19: The Role of Psychological Distress, Knowledge of, and Experiences with Antibiotics. **Antibiotics**, 2021, vol. 10 (supl. 3), p. 232.

ZHOU, P.; YANG, X. L.; WANG, X. G.; BEN, H.; ZHANG, L.; ZHANG, W.; SI, H. R.; ZHU, Y.; LI, B.; HUANG, C. L.; CHEN, H. D.; CHEN, J.; LUO, Y.; GUO, H.; JIANG, R. D.; LIU, M. Q.; CHEN, Y.; SHEN, X. R.; WANG, X.; ZHENG, X. S.; ZHAO, K.; CHEN, Q. J.; DENG, F.; LIU, L. L.; YAN, B.; ZHAN, F. X.; WANG, Y. Y.; XIAO, G. F.; SHI, Z. L. A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. **Nature**, 2020, vol. 579 (supl. 7798), p. 270–273.

RML. Rocky Mountain Laboratories. COVID-19 Treatment Guidelines Panel. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Treatment Guidelines. **National Institutes of Health**, March 5, 2021. Disponível em: <https://www.covid19treatmentguidelines.nih.gov/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu Sarissa Aparecida dos Santos Martins Alivira RA 29248

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO ()

NÃO AUTORIZAÇÃO (X)

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: Revisão Sistemática: Automedicação no Brasil em Tempos de COVID-19.

De autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Fernando Yano Alão

O presente artigo apresenta dados validos e exclui-se de plágio.

Curso: Farmácia. Modalidade afim Trabalho de Conclusão de Curso

Sarissa Ap. dos S. M. Alivira

Assinatura do representante do grupo

Assinatura do Orientador (a):

Obs: O aval do orientador poderá ser representado pelo envio desta declaração pelo email pessoal do mesmo.

Goiânia, 07 de junho de 2021